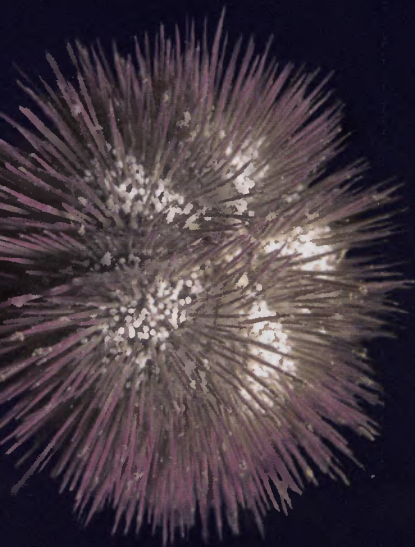


Os belos e perigosos seres do mar

Moréias lembram uma cobra, parecem bravas, mas são peixes pacíficos. O problema é que têm visão ruim e podem confundir o dedo dos banhistas em férias com comida e morder com força. As esponjas-do-mar são belíssimas, mas aprecie a distância: quando tocadas, causam irritação na pele e dor que podem durar dias. Como na praia ou no mar nem sempre o que é belo é inofensivo, uma equipe de pesquisadores começou neste mês a distribuir o folheto *Animais marinhos – prevenção de acidentes e primeiros cuidados*, com descrições e sugestões de procedimentos para os amantes

do mar saírem dos imprevistos: se, por exemplo, um polvo agarrá-lo um dia, mantenha a calma e aperte a cabeça do animal, que assim soltará os tentáculos. Em praias rochosas ou com pedras soltas, o melhor é caminhar com algum tipo de calçado: nas rochas geralmente há cracas e ostras, cujas bordas afiadas podem cortar e causar infecções, quando abrigam bactérias e fungos. O folheto é assinado por Alvaro Esteves Migotto, do Centro de Biologia Marinha (CEBIMar) da Universidade de São Paulo (USP), Shirley Pacheco de Souza, do Instituto Terra & Mar, e Vidal Haddad Junior,

da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Pode ser complementado com os detalhes sobre identificação e tratamento de acidentes encontrados no endereço eletrônico www.dangerousaquaticanimals.com.br, criado por Haddad Junior. Ele próprio, em um estudo publicado na *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, analisa do ponto de vista médico os principais causadores de acidentes provocados por animais marinhos: das 236 ocorrências que ele observou em 2003, metade era causada por ouriços-do-mar e 25% pelos cnidários como medusas e caravela.



Ouriço-do-mar: espinhos podem causar infecção



Mangangás (acima e abaixo): em águas rasas, com espinhos nas nadadeiras



Caranguejos: as garras cortam



■ Novo arbusto da Amazônia

Em uma área de difícil acesso às margens do Igarapé Infirry e do rio Mapuera, noroeste do Pará, foram colhidos em 1910 e depois em 1980 os frutos, os ramos e as folhas de uma árvore que parecia representar uma espécie nova. Esse material ficou envolvido por folhas de jornal em um dos armários do herbário do Museu Paraense Emílio Goeldi à espera de quem o analisasse. Só em 2002 é que o próprio curador do herbário, o botânico Ricardo Secco, o identificou. Ele tirou a poeira e descobriu que se tratava, sim, de uma nova espécie. É a *Croton faroensis*, como foi chamada: um arbusto de 3 metros de altura, ramos cor de ferrugem dotados de pêlos curtos, com folhas com uma consistência semelhante à do papel e 5 a 12 centímetros de comprimento. Descrita por Secco na *Revista Brasileira de Botânica*, esse arbusto é encontrado em trechos da Amazônia com vegetação baixa – as campinas ou campinaranas – e apresenta uma peculiaridade: é monóica, assim chamada por apresentar flores masculinas e femininas reunidas na mesma planta.

“O fato de essa espécie ter sido coletada em 1910, recolhida 70 anos depois e só agora estar sendo descrita como espécie nova”, diz Secco, “demonstra o quanto ainda precisamos estudar a flora amazônica”.

■ Identificado vírus da varíola bovina

O vírus causador do surto de varíola bovina que entre 2001 e 2003 atingiu mais de 1.500 cabeças de gado e cerca de cem trabalhadores rurais no Vale do Paraíba, interior paulista, pertence à variedade *vaccinia*, uma forma menos agressiva utilizada nas vacinas contra a varíola, e não à *cowpox*, como havia inicialmente se pensado. Uma equipe do Instituto Adolfo Lutz coordenada por Jonas Kisielius e Marli Ueda Ito chegou a essa conclusão por meio do sequenciamento de um gene associado à produção de uma proteína que permite ao vírus infectar as células humanas. Como a

cepa *vaccinia* está fora de circulação no país desde o início da década de 1980, quando cessou a vacinação contra a varíola humana, era grande a probabilidade de o vírus do Vale do Paraíba pertencer à variedade *cowpox*, causadora da varíola bovina verdadeira, que reduz a produção de leite por infectar o úbere das vacas e jamais foi detectada nas Américas. A cepa *vaccinia* causa apenas pequenas feridas nas mãos, além de febre e indisposição moderadas. Há até um benefício: quem foi recentemente contaminado pelo *vaccinia* está protegido contra a varíola, provocada por uma variedade muito mais agressiva do vírus, a *smallpox*. Mas o fato de o *vaccinia* ainda circular muito após o fim da vacinação contra a varíola, há cerca de 20 anos, levanta uma dúvida: como essa cepa permaneceu tanto tempo na natureza? “Provavelmente”, diz Marli, “o vírus *vaccinia* conservou-se em roedores”.

■ Os custos da tuberculose

Cada caso novo de tuberculose, a mais comum das doenças infecciosas, com 83 mil notificações por ano no Brasil, custa R\$ 186 para o serviço público de saúde. Já o tratamento da tuberculose multirresistente é 27 vezes mais alto. Ainda que considerados elevados, esses valores não são percebidos devido à fragmentação do atendimento entre os órgãos de saúde estaduais e municipais, somada à falta de controle dos gastos, de acordo com um estudo feito por equipes da Universidade Federal da Bahia, da Universidade de Londres e do Instituto Tropical da Suíça (*Revista de Saúde Pública*). Foram acompanhados 146 pacientes que receberam o diagnóstico de tuberculose pela primeira vez, 33 pacientes hospitalizados e 39 com tuberculose multirresistente atendidos em dez centros de saúde de Salvador.

Outro ouriço:
fique longe

Moréia:
quando morde,
não solta logo

Ferrão serrilhado
da raia-pintada:
dor intensa
e prolongada